



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Uma leitura psicanalítica sobre o consumo de manipulações corporais na contemporaneidade

Leonardo da Silva Santos

Orcid: [0009-0004-4114-1667](https://orcid.org/0009-0004-4114-1667)

Mestre em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Participante do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL

E-mail: psileonardosantos@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa abordar o fenômeno contemporâneo do consumo de manipulações corporais do tipo estético a partir da teoria e da clínica psicanalíticas. Nossa hipótese de pesquisa é que a menor potência do ideal do eu em sua vertente de interdito afeta a consistência da imagem corporal, culminando em um sofrimento psíquico provocado pelo desregramento pulsional. Indagamos se a intervenção no corpo poderia apaziguar a relação imaginária através de uma idealização do corpo vendida como mercadoria.

Palavras-chave: Teoria Psicanalítica; Ideal do eu; Manipulações Corporais; Clínica Psicanalítica.

Une lecture psychanalytique sur la consommation des manipulations corporelles à l'époque contemporaine: Cet article vise à aborder le phénomène contemporain de consommation de manipulations corporelles de type esthétique en s'appuyant sur la théorie et la clinique psychanalytiques. Notre hypothèse de recherche est que la puissance inférieure de l'Idéal du Moi dans son aspect d'interdit affecte la cohérence de l'image corporelle, culminant dans la souffrance psychique causée par le trouble instinctif. Nous nous sommes demandé si l'intervention sur le corps pouvait apaiser la relation imaginaire par une idéalisation du corps vendu comme une marchandise.

Mots-clés: Théorie Psychanalytique; Idéal du moi; Manipulations Corporelles; Clinique Psychanalytique.

A psychoanalytical reading on the consumption of body manipulations in contemporary times: This article aims to address the contemporary phenomenon of consumption of body manipulations of the aesthetic type based on psychoanalytic theory and clinics. Our research hypothesis is that the lower power of the ego ideal in its interdict aspect affects the consistency of the body image, culminating in psychic suffering caused by instinctual disorder. We asked whether intervention in the body could appease the imaginary relationship through an idealization of the body sold as a merchandise.

Keywords: Psychoanalytic Theory; Ideal of the ego; Body Manipulations; Psychoanalytic Clinic.

Uma leitura psicanalítica sobre o consumo de manipulações corporais na contemporaneidade

Leonardo da Silva Santos

Introdução e objetivos

Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. (Lacan, 1953/1998 p. 322)

O presente artigo aborda conceitos metapsicológicos com o objetivo de interrogar a satisfação parcial possibilitada pelas manipulações corporais voluntárias do tipo estético no momento em que o sujeito consome esse tipo de mercadoria. A satisfação fugaz de alguma maneira apazigua a experiência de instabilidade corporal provocada pela menor operatividade do Ideal do eu como regulador simbólico do gozo. Abordaremos conceitos da teoria da clínica psicanalítica, tais como pulsão, recalque, castração e Ideal do eu, para investigar a dinâmica psíquica que opera no fenômeno da manipulação corporal do tipo estético, bem como seus aspectos psicopatológicos.

Na clínica, recebemos alguns relatos de pacientes, em sua maioria mulheres jovens, que dão notícias de um descontentamento com a aparência física de seus corpos. Nesse cenário de intenso sofrimento psíquico em torno da imagem corporal, as intervenções estéticas surgem como soluções imediatas para apaziguar o mal-estar e permitir alcançar a felicidade prometida pelo discurso capitalista. Nosso intuito é indagar se a intervenção no corpo poderia apaziguar a relação imaginária através de uma idealização vendida pela mercadoria: manipulação estética do corpo por meio de cirurgias plásticas e outros procedimentos médicos. Para tal, realizaremos um percurso no ensino de Jacques Lacan para examinar a noção de corpo em sua obra e sua articulação com os três registros: real, simbólico e imaginário.

Com o empobrecimento da formação psíquica do Ideal do eu a partir do distanciamento do sujeito em relação aos ideais da tradição, pode ocorrer um congelamento da imagem corporal no Eu Ideal, de modo que o sujeito ficará aprisionado a uma idealização da aparência física do corpo. A passagem do tempo tende a abalar essa imagem idealizada. Em alguns casos, o sujeito se distancia até mesmo da aparência física de um corpo humano com suas incompletudes naturais. O Ideal do eu é uma formação simbólica constituída através da identificação do sujeito com as figuras parentais, o que se prolonga para outras figuras de autoridade no laço social. Tal formação, possui a função de interditar o gozo da onipotência narcísica, na medida em que a elevação do objeto ao estatuto de ideal é a condição

necessária para que o mecanismo do recalque opere (Freud, 1914/2010). Em contrapartida, o Eu ideal é uma formação imaginária que aprisiona o sujeito na relação mortífera com o Outro primordial.

Em suma, propomos explorar as condições que levam muitas mulheres a serem fisgadas por promessas de gozo absoluto das intervenções no corpo que o tratam como mercadoria. Além disso, como esse mecanismo reverbera nos novos sintomas por elas apresentados. Com o rebaixamento da primazia simbólica, o corpo carece de narrativas que permitam inscrever a significação da passagem do tempo, de tal modo que as marcas dessa passagem não sejam vividas apenas como perdas. Na falta de uma narrativa acerca dos tempos da vida, a consistência da imagem corporal apresentará desestabilizações, favorecendo a irrupção do real no corpo.

A mercantilização do corpo na sociedade de consumo

A mercantilização do corpo nos dias atuais atinge números alarmantes segundo as principais autoridades institucionais, como a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), que no ano de 2019 identificou mais de 1 milhão e meio de procedimentos estéticos realizados em território brasileiro. No mesmo ano, o Brasil se tornou o país que mais consome procedimentos estéticos deixando para trás os Estados Unidos mesmo este último sendo bem mais populoso (Jornal da Universidade/UFRGS, 09/02/2023). Uma legião de consumidoras brasileiras submete seus corpos a procedimentos invasivos, ditos milagrosos, numa tentativa muitas vezes frustrada de regular algo que se passa em termos de satisfação pulsional.

Nos últimos anos, o mercado das cirurgias plásticas vem apresentando diversas novidades, como por exemplo a Lipolad, que tem atraído um número significativo de adeptas por ser um procedimento menos agressivo ao corpo e sua recuperação ser mais rápida se comparada à clássica lipoaspiração. Outra novidade muito buscada, pelo menos nos últimos dois anos, é a harmonização facial que consiste num conjunto de procedimentos estéticos popularizados com o nome de "botox".

Tal mercado vem se expandindo dentro do ramo da medicina, sendo um dos que mais geram empregos no Brasil atualmente. Mas também vem se popularizando nas redes sociais com diversos profissionais de saúde que se autointitulam "influenciadores digitais". Tais profissionais vendem seus produtos com facilidade, traçando o perfil de consumo de cada potencial consumidor a partir das "curtidas" geradas nas fotos publicadas em redes sociais.

No Brasil, tal fenômeno apresenta algumas especificidades. Os noticiários da grande mídia da cidade carioca são diariamente bombardeados por investigações criminais que buscam elucidar casos de pacientes que evoluíram a óbito ao se submeterem a procedimentos estéticos que deram errado. Somente na segunda quinzena de maio de 2022, quatro clínicas de estética foram fechadas pela Polícia Militar do Rio de Janeiro após diversas denúncias de pacientes que tiveram seus corpos deformados por profissionais que, muitas vezes, não estão habilitados para realizar tais procedimentos que exigem um alto grau de habilitação profissional (G1, 17/05/2022).

Em março desse ano, Lindama Benjamim de Oliveira, de 59 anos, morreu após se internar em uma clínica de estética na Zona Oeste do Rio para realizar um procedimento estético no abdômen. A mulher teve o seu intestino perfurado durante a cirurgia por erro médico, não resistindo às consequências da intervenção estética. A família acusou a clínica de negligência, o que resultou na prisão do diretor-médico responsável pelo caso (G1, 13/03/2023). Esse é só mais um dos diversos casos que temos notícias. Pelo menos nos últimos cinco anos tais casos ficaram cada vez mais comuns nas manchetes policiais. Paralelamente a isso, o número de ocorrências de fechamento de clínicas de estética pela Vigilância Sanitária do estado do RJ também vem aumentando consideravelmente.

Em outras cidades do país encontramos notícias similares. Em Porto Alegre, por exemplo, uma influenciadora digital ficou ainda mais famosa na internet após uma harmonização facial malsucedida; segundo a influenciadora, o médico aplicou óleo mineral ao invés de ácido hialurônico (produto recomendado para esse tipo de intervenção), causando uma reação alérgica no local da aplicação (Jornal Extra, 16/07/2021). Esse campo de estudo ainda necessita de avanços nas legislações de proteção ao consumidor. Como psicanalistas, somos convocados a analisar a subjetividade das consumidoras de tais procedimentos tão invasivos com o objetivo de intervir corretamente em caso de distúrbios psicopatológicos.

Recebemos na clínica um número expressivo de pacientes cada vez mais jovens se submetendo a procedimentos estéticos de extremo risco na busca de extrair um gozo absoluto da imagem do corpo próprio. Sem apoio no simbólico, isto é, sem que possam compreender os motivos que conduzem a buscar a reparação do corpo supostamente defeituoso, muitas consumidoras já não perdem tempo para pensar ou hesitar antes de realizarem tais procedimentos; desconsideram os riscos ou as consequências que uma violência ao corpo como esta pode provocar na integridade de sua saúde. Essas consumidoras têm cada vez mais chegado aos consultórios de psicanálise com um alto nível de intolerância à frustração, após embarcarem em diversos procedimentos estéticos que prometiam a conquista do ideal de corpo buscado mas, que não cumpriram com o prometido. Apostamos que o psicanalista deve estar atento aos discursos dominantes de sua época, podendo atuar nesses casos de consumo excessivo de manipulações corporais.

Num cenário em que se constata o sucesso do discurso capitalista em sua aliança com o discurso da ciência, a promessa de que tudo é possível via consumo da mercadoria parasita o sujeito contemporâneo deixando-o cada vez mais sedento por gozo (Malcher, 2016). Tal promessa de gozo absoluto ganha corpo no discurso médico científico pelo qual a tecnociência vem se expandindo com novas mercadorias adaptadas ao perfil de cada consumidor; objetos suplementares que prometem completar o corpo vivo tornando-o cada vez mais onipotente, eficiente e belo.

O corpo-máquina da nova época

Na Idade Média, com a forte presença da Igreja Católica, o corpo era pensado como um objeto ambíguo por ser tanto divino, quanto pecaminoso, dado que era concebido como um objeto fonte de

desejos carnis, bem como objeto sagrado por ser suporte material da alma. O puritanismo classificava a sexualidade do corpo como objeto de vergonha. A repressão sobre o corpo feminino era bem mais expressiva. Com a forte influência dos rituais religiosos, a prática de jejum intermitente era bastante comum para regular o gozo da pulsão de morte a partir de sacrifícios no corpo que demonstravam a submissão do homem aos desejos divinos. No Renascentismo, entre os séculos XIV e XVII, ocorreu um longo processo de divinização do corpo. A moral puritana, surgida no século XVII com o calvinismo, reprovava enfaticamente o gozo autoerótico. A partir do século XVIII, a filosofia materialista atacou a tradição do corpo como receptáculo da alma, de modo que a alma perdeu o seu lugar de substância elevada (Teixeira, 2007).

A partir do século das luzes o corpo passa a ser dessacralizado e tomado somente em sua materialidade humana. A filosofia iluminista traz com ela diversas tensões políticas, abolindo o domínio da autoridade e da tradição sobre a racionalidade do pensamento. No período anterior a esse advento do iluminismo, o corpo tinha um poder narrativo sustentado pela tradição, sendo coberto de imagens metafóricas pelas quais revelava-se a relação íntima do homem com Deus, a partir de sua imagem e semelhança (Teixeira, 2007).

Como resultado da ascensão, na Europa ocidental do século XVIII, do pensamento de filósofos iluministas e materialistas nas mais diversas camadas sociais, o corpo, que antes era revestido pelas narrativas da tradição da moral vitoriana, passa a ser reduzido a uma espécie de máquina anatômica; um complexo de órgãos, fragmentado e sem subjetividade. Ao perder o lugar de suporte material da alma, o corpo é reduzido a um objeto comum de extração de gozo. Nesse panorama de diversas mudanças, o corpo torna-se objeto de manipulações constantes, entre as quais revela-se uma relação mais primitiva com o corpo, dominada pelo imperativo de gozo (Coelho dos Santos, 2015).

Para Lacan (1954-1955/1985), a concepção de corpo da ciência moderna expõe que "o médico com relação ao corpo, tem a atitude do homem que está desmontando uma máquina" (p. 104). Segundo o autor, o corpo passou a ser pensado como uma máquina útil aos interesses econômicos da Revolução Industrial. Como resultado dessas mudanças o corpo perdeu seu estatuto de objeto sagrado, receptáculo da alma.

O dualismo cartesiano separou a alma do corpo, tornando-a uma substância elevada e imaterial, objeto de salvação e integração social e concebendo-a como o que deve ser cultivado para alcançar a essência humana. Segundo Descartes, o corpo é apenas matéria, sem subjetividade. O médico e filósofo materialista Julien Offray de La Mettrie (1747/1963) subverte o dualismo cartesiano ao evidenciar o mecanicismo autônomo do corpo humano. Para o autor, o corpo é independente da alma para operar. Em sua ousada concepção, o corpo opera unicamente a partir do funcionamento dos órgãos, tal como uma máquina em que os órgãos do corpo funcionam como um conjunto de peças que produzem substâncias químicas que permitem o corpo funcionar de maneira autônoma.

De acordo com Teixeira (2007), a filosofia materialista de La Mettrie apresenta o corpo como um objeto esvaziado de atributos narrativos. O corpo-máquina é um corpo que não tem nada a nos

dizer. Não é o corpo falante descoberto pela psicanálise, mas sim um corpo matéria fragmentado em diversos pedaços passíveis de serem consumidos como mercadorias. Nesse caso, não há realidade oculta do corpo velada pela imagem corporal, somente a realidade mecânica de seu funcionamento. Dessa maneira, o imperativo da liberdade do discurso iluminista apresenta o corpo como material útil à extração de gozo.

A clínica contemporânea tem nos ensinado que o corpo apresenta-se cada vez menos de maneira unificada e velado por uma imagem. As constantes oscilações na consistência da imagem corporal – que observamos na experiência de muitos analisandos - revelam o corpo em sua dimensão real de substância gozante. Esta dimensão é explorada massivamente no consumo da mercadoria. A partir da menor potência do Ideal do eu, o gozo do corpo fica disperso, desregulado. Há um abalo entre o registro simbólico e o registro imaginário do corpo, expresso na menor consistência da imagem corporal, de modo que o real do corpo desvela a ferocidade da pulsão de morte.

A menor operatividade do Ideal do Eu

Se, como nos ensina Freud, o Ideal do Eu é o símbolo da ausência do falo (Freud, 1923/2011), podemos indagar como fica a regulação do gozo numa época em que os ideais da tradição, que operam pela renúncia ao gozo, perderam o poder que tinham antes de recalcar a sexualidade dos corpos. O destronamento do Pai de seu lugar de exceção ao gozo operado pelo discurso científico, provocou o empobrecimento da transmissão simbólica. O esboroamento da autoridade paterna pode ter comprometido a formação psíquica do ideal do eu, sobretudo em sua vertente de interdito ao gozo. A potência das narrativas da tradição se enfraquecem ao serem incessantemente desmentidas e atacadas. Paralelamente a isso, ocorre o enfraquecimento do poder político da Igreja nas decisões do estado.

Lacan (1938/2008) salienta que o declínio social da imago paterna exige do sujeito novas maneiras para defender-se do real inassimilável da pulsão. Para o psicanalista, as novas patologias revelam como determinação principal a “[...] personalidade do pai, sempre carente de alguma forma, ausente, humilhada, dividida ou postiça” (Lacan, 1938/2008, p. 60). Desse modo, a formação de sintomas está intrinsecamente associada com as mudanças em curso na nova época. Mudanças tanto políticas como culturais e econômicas.

Com a representação paterna empobrecida o sujeito fica mais vulnerável à ameaça do fantasma do corpo despedaçado, momento este em que se viu desequipado de habilidades motoras, num corpo amorfo, tal como é descrito o corpo do infante no momento anterior ao estágio do espelho (Lacan, 1938/2008). O corpo do infante é marcado pela dispersão pulsional nas zonas erógenas, de modo que, com o advento do eu no narcisismo, a vivência de um corpo em pedaços será substituída por uma experiência de totalidade, mesmo que imaginária. Esse fantasma do corpo despedaçado oriundo da etapa do autoerotismo, ameaça retornar ao longo de toda a vida, exigindo novos esforços do sujeito para reafirmar a integridade de sua imagem corporal.

O Ideal do eu é uma bússola psíquica importante para a realização do desejo no laço social, bem como no esforço do sujeito em reafirmar sua imagem corporal através do mecanismo da identificação (Freud, 1914/2010). Quando essa formação simbólica se encontra ausente ou enfraquecida, a imagem corporal permanece congelada a um eu ideal, aprisionando o sujeito na relação mortífera de onipotência narcísica. Dessa maneira, com a referência ao Pai comprometida, o Ideal do eu é menos capaz de regular o gozo narcísico do corpo próprio.

Ao entrar na trama edipiana o sujeito de ambos os sexos recebe diversos protótipos de perfeição a serem alcançados pelo eu a partir da polarização da imago do pai em sua vida psíquica. A formação do Ideal do eu está profundamente articulada à entrada do sujeito na sexuação, ao regular o gozo autístico do corpo e revesti-lo de narrativas da tradição. Sendo assim, o Ideal do eu realiza o ideal viril no menino e o ideal virginal na menina seguindo as estruturas elementares de parentesco. O Ideal do eu apazigua a relação imaginária, bem como, contribui para sua manutenção com práticas de recuperação da perfeição narcísica.

Quando a imago paterna apresenta-se para o sujeito de maneira degradada, Lacan aponta alguns efeitos no funcionamento do Ideal do eu, tais como: "lesões físicas, especialmente aquelas que a apresentam como estropiada ou enceguecida, para desviar a energia de sublimação de sua direção criadora e favorecer sua reclusão em algum ideal de integridade narcísica" (Lacan, 1938/2008, p. 53). Sabe-se que a formação do ideal do eu necessita da capacidade de sublimação dos objetos perdidos. No entanto, esse luto do objeto fica comprometido posto que o sujeito encontra-se aprisionado ao objeto que consome. Sem conseguir renunciar ao objeto consumido, o sujeito fica recluso a algum ideal de integridade narcísica que toma para si, seja um corpo "malhado", ou até mesmo a magreza em excesso como nos casos amplamente noticiados de pacientes que realizam procedimentos estéticos para retirar partes das costelas para ter uma cintura mais fina tal como a de uma boneca.

Com a menor operatividade do Ideal do eu como regulador simbólico do gozo na contemporaneidade, o imaginário do corpo fica sem sustentação simbólica, de modo que o real do corpo fica desregulado, sem o véu da imagem para recobrir o inassimilável. O que esses sintomas nos revelam é a desregulação pulsional no corpo, uma vez que a imagem corporal pouco pode servir como uma unidade corporal imaginária/simbólica.

Mudanças na moral sexual civilizada

Miller (2004a) afirma que não podemos abordar os problemas subjetivos do sujeito na clínica sem reconhecer que eles também estão relacionados às questões que perpassam a civilização, de modo que a moral sexual civilizada reverbera nos sintomas produzidos pelos pacientes. Reconhecer que a psicologia individual é também psicologia social desde o início, como ensina Freud (1921/2011), nos leva a observar os fenômenos vigentes em nossa época, de modo que a escuta clínica passa a comportar questões que permeiam a cultura como um todo. Lacan adverte, logo no início de seu ensino, que o

universo do coletivo é a realidade do individual, de maneira que um não existe sem o outro, e em certa medida são a mesma coisa.

Coelho dos Santos (2016) identifica uma mudança significativa na moral sexual civilizada de nossa época em comparação à moral vitoriana vigente no tempo em que as formulações freudianas foram escritas. A autora localiza no final da década de 1960 um crescimento exponencial na cena popular de diversos discursos que prometem a liberdade sexual do corpo, comprometendo a operação do recalque do gozo com o corpo próprio. A nova ética do corpo, que promete livrá-lo das amarras ditas patriarcais, expõe paradoxalmente a aliança visceral entre a moral hedonista e a moral sadeana (Coelho dos Santos, 2015) em nossa época. Nota-se a redução do corpo a um complexo de extração de gozo. A tentativa fracassada de extrair um gozo absoluto do corpo próprio revela uma relação mais arcaica com a obtenção de prazer dominada pelo regime do além do princípio do prazer. Ocorre uma regressão à relação oral na qual o sujeito é incitado "a devorar o outro ou a se fazer devorar por ele" (Coelho dos Santos, 2015, p. 6).

A liberdade do corpo para ser objeto de extração de gozo evidencia a liberdade da pulsão de morte sobre o corpo sacrificando-o ao máximo com o intuito de obter sempre mais gozo. O discurso popularizado que difunde o imperativo de gozo - "é proibido proibir" - expõe que na época atual já não há mais limites para a vontade de gozar com o corpo próprio. O gozo da manipulação está mais além do gozo fálico, remetendo mais ao autoerotismo do que a organização genital, sendo marcado por compulsões, mutilações e violências. Tais pacientes, analisados aqui, alegam reconhecer os perigos envolvidos em tais procedimentos estéticos, todavia, negam essa realidade cotidiana, submetendo-se a procedimentos invasivos sem qualquer controle. Em alguns desses casos, as pacientes negam a castração ao testarem os limites do corpo com as promessas de gozo absoluto.

O corpo na psicanálise e sua redescoberta na modernidade

O corpo na psicanálise não é o corpo anatômico da biologia moderna uma vez que ele necessita de uma operação simbólica que constitua o corpo como um corpo falante. Também não é o corpo-máquina que nos dedicamos a examinar anteriormente. Freud logo em suas primeiras formulações teóricas revela a natureza fundamental do corpo através do conceito de pulsão. O sintoma histérico caracterizado por um acontecimento do corpo subverte o estatuto do corpo anatômico da biologia moderna. Freud constata que os sintomas histéricos falavam sobre si, davam notícias sobre o modo de gozo das pacientes com o corpo próprio.

O sintoma histérico revela o circuito pulsional nas bordas do corpo, de maneira que, para a psicanálise, a direção do tratamento deve ser orientada pelo conhecimento do inconsciente de cada um, uma vez que esta é a via necessária para que se compreenda o corpo na psicanálise. É um corpo que aponta para um mais além da relação imaginária, que desvela o plano simbólico da condição humana. As palavras do Outro primordial imprimem no corpo do infante rastros de gozo pelos quais o corpo libidinal se constitui amorfo e fragmentado em múltiplas zonas erógenas (Leclaire, 2007).

Jacques Lacan (1954-1955/1985) sublinha no início de seu ensino a estranheza que é de estarmos localizados num corpo cuja imagem escapa ao longo do curso de toda a vida. Na velhice, na fantasia, na angústia, nos sonhos, o domínio do corpo escapa, revelando as oscilações de sua dimensão imaginária que necessita de reinvestimento simbólico constante para ser amparada. Para o psicanalista francês “temos” um corpo e não “somos um corpo tal como os animais”. O corpo nessa perspectiva é um objeto de posse a ser conquistado no estádio do espelho. Diferentemente do que ocorre com os animais, o significante afeta o corpo humano realizando uma operação de distanciamento em relação ao sujeito falante. De início, temos uma massa amorfa que com a incidência do significante transforma-se em corpo humano.

“Ter um corpo” vale por sua diferença com “ser um corpo”. Para o animal se justifica identificar seu ser e seu corpo, enquanto esta identificação do ser e do corpo não se justifica para o homem, por mais corporal que seja, corporificado, ele é também feito sujeito pelo significante, quer dizer, que é feito da falta de ser. Esta falta de ser, como efeito do significante, divide seu ser e seu corpo, reduzindo este último ao estatuto do ter. (Miller, 2004b, p. 50)

Miller, em *Biologia Lacaniana e Acontecimentos de Corpo* (2004b), acentua essa formulação de Lacan acerca do corpo pontuando que diferentemente do animal que é reduzido ao corpo, a dimensão da linguagem no homem nos permite ser mais do que somente um corpo. A linguagem traz complexificações à relação do homem com o corpo próprio, uma vez que o corpo humano precisa ser dividido em três registros: o imaginário no qual o registro narcísico se apresenta; o simbólico marcado pelo significante; e a dimensão real do corpo formada pelo circuito pulsional.

Brousse (2012) apresenta um avanço importante na perspectiva lacaniana do corpo ao constatar uma mudança significativa em nossa época. Segundo a autora, cada vez mais “somos” um corpo e não “temos” um corpo, uma vez que o sujeito vem sendo reduzido ao corpo próprio pelos discursos que dominam a sociedade de consumo. Ao pesquisar a atualidade da teoria lacaniana do estádio do espelho, Brousse (2014) percebeu a primazia do eu ideal em relação ao ideal do eu na sociedade de consumo. Com base num longo estudo da afirmação de Miller (2004a), a partir de uma fala de Lacan, de que o objeto *a* assumiu o posto de zênite social na contemporaneidade, ela afirma: “quanto mais a ciência avança em relação ao conhecimento e às modificações do organismo e das imagens, mais débeis são os ideais tradicionais relacionados ao discurso do Outro sobre o corpo e sobre esta questão corporal do gozo” (Brousse, 2014, p. 13).

Jean Baudrillard (2009) acentua, em *A Sociedade de Consumo*, a redescoberta do corpo na modernidade após longo período de negação pelas práticas puritanas. O autor localiza uma mudança significativa no estatuto do corpo na contemporaneidade, posto que o corpo se equivale aos objetos da tecnociência. As propriedades subjetivas do corpo são suprimidas na medida em que o corpo

transformou-se numa mercadoria rentável. A nova ética da relação do sujeito com o corpo próprio suprime o valor simbólico do corpo e sua transcendência.

No longo processo de sacralização do corpo como valor exponencial, do corpo funcional, isto é, que deixa de ser carne à maneira do que sucede na visão religiosa, e força de trabalho como aconteceu na lógica industrial, sendo retomado na sua materialidade (ou na respectiva idealidade visível) como objeto de culto narcisista ou como elemento de tática e de ritual social [...]. (Baudrillard, 2009, pp. 172-173)

O filósofo francês esclarece que o imperativo de beleza é mais incisivo nos corpos femininos, chegando ao ponto de se tornar uma das formas do capital nos dias atuais. A beleza perdeu o sentido que tinha antes de representar a natureza e o suplemento das qualidades morais, já que agora a beleza representa uma qualidade funcional do corpo. Na perspectiva de Baudrillard (2009), o corpo deixou de ser uma unidade imaginária e tornou-se um corpo orgânico, fragmentado em peças passíveis de serem consumidas. Manipulações corporais como os transplantes de órgãos, a inseminação artificial, dentre muitos outros procedimentos inventados pela ciência, evidenciam a fragmentação do corpo a serviço do imperativo de gozo.

O sujeito "desbussolado" e a posição do analista

Algumas pacientes, observadas aqui, estão presas a uma identificação rígida a um objeto. Idealizam um corpo sem faltas, completo, distante até mesmo do corpo humano marcado pelos limites do corpo vivo. Observa-se que de início é o corpo imaginário que se encontra menos consistente, de tal maneira que o corpo real é submetido a diversos procedimentos invasivos com o intuito de extrair dele o corpo idealizado.

A ditadura do mais-de-gozar devasta a natureza, faz romper os casamentos, dispersa a família, remaneja o corpo, não apenas nos aspectos da cirurgia estética, ou da dieta [...] ela realiza também uma intervenção muito mais profunda sobre o corpo. Nos dias de hoje, uma vez que se decifrou o genoma, é possível produzir-se, verdadeiramente, o que alguns chamam uma "pós-humanidade". (Miller, 2004a, p. 4)

Miller (2004a) sublinha que o sujeito contemporâneo se encontra desbussolado, carente de coordenadas simbólicas para inserir o seu desejo no mundo e regular o gozo do corpo pelas narrativas da tradição. Sem essa bússola fundamental que é o ideal do eu para a inserção do sujeito na sexualidade e nas balizas simbólicas no geral, a imagem corporal se reduz a um ideal absoluto, um objeto superegoico que persegue o sujeito e castiga-o pela não satisfação do ideal de corpo buscado. São

sujeitos que relatam grande sofrimento psíquico e evidenciam a desregulação da pulsão de morte em seus corpos ao agredi-los repetidamente com tais procedimentos.

Miller (2004b) associa as mutilações no corpo, *body art*, e os procedimentos estéticos no corpo em geral, ao processo de corporização do significante. O autor aponta o aumento exponencial de sintomas de acontecimento de corpo na cena contemporânea, dos quais a manipulação do corpo via consumo de cirurgias plásticas e estéticas se destaca. Sem a referência a um Ideal do eu que regule o gozo narcísico do corpo, o sujeito contemporâneo inventa novas formas de se apropriar dos significantes. Com a manipulação corporal, o significante é apropriado em sua materialidade de letra, sendo escrito na própria pele, como traço de identificação:

Há, então, mutilações tradicionais que têm esta função de corporizar o significante. Poderíamos, por outro lado, estender a corporização tratada a partir desta função, a todas as normas do comportamento social, da compostura, do tom. São formas menos brilhantes de corporização, mas elas deixam de existir, e poderíamos também, então, interessar-nos na corporização contemporânea hoje, onde o Outro não existe e onde o corpo tende a ser deixado ao abandono pelas normas, e então é retomado, é a sede de invenções que tendem a responder à questão: o que fazer de seu corpo? E assistimos, às vezes admirados, a essas invenções de corporização, que são o piercing, a *body art*, mas também o que inflige ao corpo a ditadura da higiene ou, ainda, a atividade esportiva, ajudada, às vezes, pela ingestão de substâncias químicas. Sobre os modos inventivos e, aliás, sucetíveis de uma recodificação de comunidades específicas, estas práticas nos demonstram a presença, a atividade da corporização. (Miller, 2004b, p. 66)

Dessa forma, numa época em que o Outro da palavra carece em oferecer as balizas simbólicas para a satisfação do desejo, o procedimento estético é descrito por Miller (2004b) como uma maneira contemporânea de corporizar o significante através da mutilação de partes do corpo. Sem as narrativas tradicionais que velavam o gozo do corpo pelo processo de identificação à imago paterna, a pergunta de Jacques-Alain Miller (2004b) mostra-se ainda mais atual: "o que fazer de seu corpo?" O que fazer com esse corpo dessacralizado, que já não é mais a imagem e a semelhança de Deus, mas um objeto com valor de troca no mercado?!

Nesses casos de compulsão ao consumo do corpo como mercadoria, podemos interrogar como o psicanalista pode intervir na clínica com essas pacientes. Malcher (2016) advoga que o psicanalista precisa não cessar de não ceder à vontade de gozo absoluto da paciente, considerando a ética do desejo em jogo na prática clínica. O analista, ao se fazer de semblante de objeto *a* para a paciente, torna-se um dejetivo; objeto que não se deixa ser consumido na prática clínica.

O analista não se deixa cair na rede de idealização dos objetos passíveis de serem consumidos pela analisanda, resistindo a se submeter à promessa de forclusão da castração do discurso do

capitalista (Malcher, 2016). A prática clínica nesses casos de difícil classificação será guiada pela impossibilidade de satisfazer a promessa de gozo absoluto que muitas vezes a paciente espera que o psicanalista satisfaça, após embarcar em inúmeras tentativas frustradas de obter o gozo prometido com os procedimentos estéticos.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi elaborar um ensaio acerca do tema do fenômeno das manipulações corporais sob a lente da teoria da clínica psicanalítica de orientação lacaniana. Reconhecemos a amplitude do tema e seus inúmeros desdobramentos, de modo que nosso objetivo aqui não foi alcançar conclusões sobre o assunto, mas sim alertar os psicanalistas a estarem mais atentos a esse tipo de discussão tão importante, dado o expressivo número de pacientes que nos procuram com um elevado nível de intolerância à frustração após embarcar em inúmeros procedimentos no corpo que não atingiram o resultado prometido.

O tema nos convoca a continuar nossa pesquisa examinando a dinâmica pulsional vigente nesse fenômeno. Em suma, pudemos interrogar um pouco mais sobre uma possível menor potência do Ideal do eu em nossa época e como isso pode comprometer a regulação do gozo narcísico do corpo deixando o sujeito mais à mercê do imperativo de gozo ao aprisionar-se num ideal de integridade narcísica.

Nota-se a queixa recorrente da paciente em torno de um descontentamento com sua aparência física, cujo consumo desenfreado de mercadorias do corpo busca apaziguar. O sujeito que carece da bússola do Ideal do eu torna-se refém da idealização do corpo que não cessa de não ser cumprida. O procedimento no corpo é então buscado como uma tentativa de regular algo que se passa em termos de satisfação pulsional, no entanto, tal êxito não é atingido posto que a promessa de forclusão da castração não é satisfeita (Malcher, 2016).

Na clínica com essas pacientes, o psicanalista precisa representar um objeto não consumível, fazendo oposição ao discurso de que tudo é passível de ser consumido, devorado. O analista resiste a embarcar no discurso de que tudo é possível via consumo ao considerar o impossível em jogo para qualquer ser falante. São sintomas no corpo que dificilmente conseguimos localizar um sentido enigmático para a formação dos sintomas. O sintoma aparece como um gozo com o corpo, muitas vezes, desvinculado de uma significação inconsciente. É um corpo reduzido a um pedaço de carne que se goza. O mercado das cirurgias plásticas vende um corpo imaginário, ausente de sofrimento psíquico. Porém, podemos notar que por mais que se tente vender um corpo-máquina onipotente e livre de sofrimento, há algo do corpo que permanece indomável pelo significante e que resiste como resto inassimilável da experiência humana.

Referências Bibliográficas

Baudrillard, J. (2009). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa. Editora: Edições 70.

- Brousse, M. H. (2012). *Corps sacralisé, corps ouverts: de l'existence, mise en question, de la peau*. Recuperado de: <http://ttemupt.unblog.fr/2012/09/08/corps-sacralise-corps-ouverts-de-l'existence-mise-en-question-de-la-peau-par-m-h-brousse>.
- Brousse, M. H. (2014). *Corpos Lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do Espelho*. *Revista Opção Lacaniana*, n. 15, Recuperado de: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/corpos_lacanianos.pdf
- Coelho dos Santos, T. (2015). O olhar sem véu: transparência e obscenidade. In *Revista ASEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(20), 4-15, Recuperado de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_20/pdf/o_olhar_sem_veu.pdf
- Coelho dos Santos, T. (2016). O Outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. *Revista Ágora*, 19(3), 565-583. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/agora/a/B86N3Dx33DDqGCc5z5h5CYb/?lang=pt>
- Freud, S. (1914/2010) "Introdução ao narcisismo" In: *Obras completas*, vol.12. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-50.
- Freud, S. (1921/2011) "Psicologia das massas e análise do eu". In: *Obras completas*, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, p.13-113.
- Freud, S. (1923/2011) "O Eu e o Id". In: *Obras completas*, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-74.
- G1, Polícia fecha clínicas de estética em Madureira; uma prometia fim da gordurinha com remédio proibido, data: 17/05/2022, Recuperado de: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/17/policia-fecha-clinicas-de-estetica-em-madureira-uma-prometia-emagrecimento-com-remedio-para-embolia-gordurosa.ghtml>
- G1, Polícia e Vigilância Sanitária interdita clínica na Barra onde mulher fez procedimento estético antes de morrer; Diretor-médico é preso, data: 13/03/2023, Recuperado de: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/03/13/policia-interdita-clinica-na-barra-onde-mulher-fez-procedimento-estetico-antes-de-morrer.ghtml>
- Jornal da Universidade/UFRGS Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo, data: 09/02/2023, Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/>
- Jornal Extra, Trans conhecida como Juju Fofão descobre que o que tem no rosto não é silicone industrial "encheram a minha cara de laxante", data: 16/07/2021, Recuperado de: <https://extra.globo.com/famosos/trans-conhecida-como-juju-fofao-descobre-que-que-tem-no-rosto-nao-silicone-industrial-encheram-minha-cara-de-laxante-25112922.html>
- Lacan, J. (2008). *Os Complexos Familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. (2 ed). In Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1938).

- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 322). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- La Mettrie, J. O. (1963). *El Hombre máquina*, Buenos Aires, Editora: Eudeba - Editorial Universitaria de Buenos Aires. (Trabalho original publicado em 1747).
- Leclaire, S. (2007) *Psicanalisar*, São Paulo, Editora: Perspectiva.
- Malcher, F. (2016). *Laço social, temporalidade e discursos: de totem e tabu ao discurso capitalista*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Miller, J-A. (2004a). *Uma fantasia*, conferência proferida em Comandatuba pelo IV Congresso da AMP. Recuperado de: <http://www.2012.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>
- Miller, J-A. (2004b). *Biologia Lacaniana e Acontecimentos de Corpo*. In *Revista Opção Lacaniana* n.41.
- Teixeira, A. M. R. (2007). *A Soberania do Inútil e outros ensaios de psicanálise e cultura*. São Paulo: Annablume.

Citação/Citation: Santos, L. da S. (nov. 2022 a abr. 2023). Uma leitura psicanalítica sobre o consumo de manipulações corporais na contemporaneidade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 82-95. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n35p82-95.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 20/03/2023 / 03/20/2023.

Aceito/ Accepted: 11/08/2023 / 08/11/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.